

Loco Abreu: a autoconstrução de uma idolatria

Juan José Pereyra Silvera*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Em 13 de novembro de 2015, a torcida organizada “Loucos pelo Botafogo” reinaugurou o “Muro dos Ídolos” do Club Botafogo de Futebol e Regatas, painel pintado no muro em frente à sede do clube na Rua General Severiano, no bairro Botafogo, no Rio de Janeiro. O convidado de honra deste evento foi o jogador uruguaio Washington Sebastian Abreu Gallo, mais conhecido como “Loco Abreu”, que defendeu as cores do clube, entre janeiro de 2010 e março de 2012. Durante sua passagem como atleta do clube e no evento, encontramos inúmeros torcedores do clube vestindo a camisa Celeste Olímpica da seleção uruguaia ou envoltos na bandeira uruguaia. O artigo busca compreender os fatores motivacionais, que levaram os dirigentes e a torcida de um clube de futebol brasileiro a idolatrar, de forma singular e improvável, um jogador de futebol profissional - politicamente incorreto segundo a imprensa esportiva carioca - cuja nacionalidade (uruguaio) é pertencente aos autores da maior derrota simbólica e esportiva sofrida pelo Brasil no campo futebolístico. Esta idolatria atropelou identidades, a partir da mistura profana de ícones quase que sagrados: eles vestem a mística camisa “Celeste Olímpica”, na qual insertaram o escudo com a estrela solitária do clube Botafogo de Futebol e Regatas. Alguns torcedores inclusive, compareceram envoltos na Bandeira Uruguaia, símbolo máximo da representação do país.

Palavras-chave: Herói. Ídolo. Identidade. Idolatria. Comunicação

Loco Abreu: the self-construction of an idolatry

Abstract: On November 13, 2015, the "Loucos por Botafogo" reopened the "Wall of Idols" of the Botafogo Football and Regattas Club, a panel painted on the wall in front of the club's headquarters on Rua General Severiano, in the Botafogo neighborhood. Rio de Janeiro. The guest of honor at this event was Uruguayan player Washington Sebastian Abreu Gallo, better known as "Loco Abreu", who defended the colors of the club between January 2010 and March 2012. During his passing as a club athlete and at the event, we found countless fans of the club wearing the Celeste Olympic jersey of the Uruguayan team or wrapped in the Uruguayan flag. The article seeks to understand the motivational factors that led the leaders and fans of a Brazilian football club to idolize, in a singular and improbable way, a professional soccer player - politically incorrect according to the Rio de Janeiro sports press - whose nationality (Uruguayan) is belonging to the authors of the biggest symbolic and sportive defeat suffered by Brazil in the football field. This idolatry ran over identities, from the profane mix of almost sacred icons: they wear the mystical "Celeste Olímpica" shirt, in which they inserted the shield with the solitary star of the Botafogo Football and Regatta club. Some fans even appeared, wrapped in the Uruguayan flag, maximum symbol of country representation.

KeyWords: Hero. Idol. Identity. Idolatry. Communication.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Introdução

O futebol surge no final do século XIX na esteira das transformações econômicas, tecnológicas e culturais promovidas pela expansão capitalista, como um esporte moderno e civilizado, e durante o século XX se firma como um esporte de massas, transnacional ou mundializado. Estas transformações econômicas, tecnológicas e culturais que o capitalismo promoveu nas últimas décadas, redundaram na espetacularização da indústria cultural do entretenimento e do consumo. O futebol é um dos grandes produtos desta indústria e as suas implicações sociais (políticas e culturais) ganharam uma magnitude tal, que despertaram a atenção do Estado e de todas as instituições que, de alguma maneira, normatizam nossa sociedade. Consequentemente ganharam também as ciências sociais. A relevância que o esporte adquiriu no meio acadêmico responde a sua transformação em assunto de interesse sócio-econômico-político.

Por ser um esporte de regras universais simples e conhecidas por todos os aficionados, que na maioria também praticam ou praticaram em algum momento, o que lhes permite tecer opiniões com certa “autoridade”, facilita o arraigo massivo e atrai cada vez mais espectadores que levam o espetáculo para fora das quatro linhas verbalizando ininterruptamente o futebol, assim como os jogadores, atores principais do espetáculo, que também verbalizam fora de campo. Esta verbalização ignora ou suprime as fronteiras geográficas, não é raro brasileiros discutirem o resultado do último clássico espanhol ou o desempenho de craques latino-americanos conhecidos, que atuam na *Champions League* vestindo camisas do Real Madrid, Barcelona, Manchester ou Bayer de Munich.

Cómo vivimos en el fútbol? Obviamente, no todos lo vivimos jugándolo, en el sentido común –lúdico– del término. Tampoco lo vivimos, aunque es un nudo de nuestra articulación con él, observándolo directamente. Mi sospecha es que, fundamentalmente, lo vivimos verbalizándolo. Dicho de otra manera: vivimos hablando –sea como sea– de él y de sus avatares. (ANTEZANA, 2003, p. 86)

O único aspecto que distancia o espectador do jogador profissional é o conhecimento técnico. O jogador profissional não é um representante da identidade técnica dos espectadores

seja por limitação de aptidões ou incapacidade destes; o jogador se converte então em representante de uma outra identidade: a identidade do grupo “En el deporte sucede, pues, un fenómeno muy particular: la relación de identificación entre los espectadores y los deportistas que los representan sólo se construye y logra su plena fuerza explosiva debido a esta distancia técnica” (YONNET, 1998 p. 45)

Com a globalização e mediatização do futebol outras características dos ídolos e heróis não são levadas em consideração, como por exemplo a nacionalidade ou a identidade social ou clube que representa; já assistimos por exemplo à torcida do Real Madrid aplaudir de pé o brasileiro Ronaldinho Gaúcho¹ e, recentemente, ao catalão Andrés Iniesta no clássico ante o Barcelona. Estas, nacionalidade ou regionalidade, só vão aparecer no dia que o ídolo deixar de suprir com êxito as expectativas e anseios dos torcedores.

La admiración por los (muy) hábiles, además, es hasta rizomática, es decir, suele diseminarse en los más extraños y ajenos ámbitos sociales. No faltan hinchas de un equipo relativamente difundido en cualquier parte del mundo y muchos héroes del fútbol son, en rigor, internacionales. Por otra parte añadiría que, en el fútbol, “la identidad del grupo” requiere a su vez pruebas pragmáticas de su cohesión, fidelidad, constancia, fama relativa, en fin, “fuerza explosiva”, como la denomina Yonnet. (ANTEZANA, 2003, p. 90)

O jornal on-line Marca, de Madrid, na edição do dia 21 de novembro de 2015 tem como manchete: “Iniesta salió aplaudido del Bernabéu” e no corpo da matéria explicita:

Andrés Iniesta fue uno de los protagonistas de la victoria del Barcelona sobre el Real Madrid. El futbolista manchego hizo el tercer gol del conjunto azulgrana y se retiró del campo en la segunda parte. Munir entró en su lugar en medio de los aplausos del Santiago Bernabéu, que premió así su actuación.... El gesto recuerda al de hace diez años, cuando Ronaldinho también se marchó sustituido del Bernabéu², con aplausos por parte de la afición madridista reconociendo su destacada intervención aquel día³.

Este feito deixa nítida a percepção de que, neste momento, foram deixadas de lado várias representações e identidades que social e politicamente separam historicamente madrilenhos e catalães, dando passo a uma admiração que considera a distância técnica, dedicação e compromisso do ídolo fora e dentro de campo, e o espetáculo brindado como um filtro para que todas as outras representações, como nacionalidade ou regionalidade, por exemplo, desapareçam ou percam força simbólica.

Até o sentido de pertencimento que os ídolos de um passado recente exerciam sobre os torcedores, hoje com a globalização do futebol, se alterou sensivelmente. Esta representatividade está rendida a uma lógica capitalista intensa, que libera a universalidade das representações. Seria impossível por exemplo, na década de 1980, sequer imaginar Zico, maior ídolo da nação rubro-negra na década ou quiçá da história do clube, vestindo a camisa do Vasco da Gama ou Roberto Dinamite vestindo a camisa do Flamengo; menos ainda, sendo aplaudidos de pé pela torcida rival ante uma apresentação de gala num clássico ganho pelos seus times. Qualquer movimento de um ídolo dessa dimensão nesse sentido seria o suficiente para ser tachado de “traidor” ou de “mercenário”, o mesmo não acontece com atletas que não alcançam o patamar de ídolos, eles podem migrar de um clube a outro sem pagar esse ônus. Vários ídolos das décadas de 1990 jogaram em dois ou mais times cariocas. Romário seria um exemplo claro, ídolo vascaíno, após a sua volta da Europa (e do seu protagonismo na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos) jogou no Flamengo no Fluminense, outros dois grandes times do Rio de Janeiro, a exceção foi o Botafogo.

Apesar de toda esta abertura, as identidades sociais e a integração regional, o futebol potencializa as rivalidades entre os distintos grupos sociais que formam as torcidas dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro. Existe uma nítida diferença de identidades entre os aficionados destes grandes times. Para entender o contexto em que se desenvolveu a idolatria do Loco Abreu é preciso entender as identidades e rivalidades encontradas no Rio de Janeiro.

Flamengo como o time mais querido e o mais popular do Brasil tem uma clara identificação com as camadas populares, negros e pobres, aquele que representa a brasilidade popular; o Fluminense surgiu preso aos valores do “refinamento civilizado” europeu e sempre foi o clube das elites cariocas e o Vasco da Gama tem uma forte identificação lusitana. O Botafogo, único dos quatro considerados “grandes”, não possui uma identidade clara que o

identifique com seus torcedores. Alguns estudos indicam que é o time dos “novos ricos”, mas isto não é percebido facilmente como forte expressão de identidade

O Botafogo foi fundado por estudantes universitários no aflente bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, atraindo patronos ricos e politicamente poderosos, que construíram um clube forte, baseado em modernas técnicas de administração. O Botafogo manteve o seu apelo para os jovens, os políticos e os novos ricos. (LEVER, 1983 p 107)

Um dos traços comuns entre Vasco, Fluminense e Botafogo é a sua rivalidade (que beira o ódio) contra o Flamengo. Apesar de historicamente ser o Fluminense o maior rival do Flamengo, os torcedores do Botafogo escolheram o Flamengo para fixar sua alteridade e o denominaram de “maior rival”. Concordamos com Helal quando diz que:

De fato, toda rivalidade traz em si uma dose de admiração e de inveja. Só rivalizamos com quem tenha algo que desejamos possuir ou superar. Se rivaliza com quem é grande e tememos que seja maior do que nós. A *Iliada* de Homero está repleta de passagens que retratam a admiração mútua entre gregos e troianos e entre os heróis Aquiles e Heitor. Mas diferente dos conflitos que levam à aniquilação de um povo sobre outro, no esporte a rivalidade é intrínseca a sua natureza. Não se rivaliza para aniquilar o outro, pois dele uma equipe ou nação necessita para se singularizar. (HELAL, 1998)

Outro ponto em comum entre a maioria dos torcedores do Botafogo, Fluminense e Vasco é o sentimento de serem vítimas da imparcialidade da imprensa carioca, a que denominam “Flapress”. Em entrevistas a mim concedidas por botafoguenses, na festa da reinauguração do “muro dos ídolos”, este ponto é unanimidade entre eles: “a imprensa sempre destaca e valora mais o Flamengo que os outros times”.

O Jornalista britânico Tim Vickery tem a impressão de que esta falsa imparcialidade responde a medidas de mercado e à falha de alguns jornalistas, que deixam sua emoção e devoção sobressaírem na hora de atuar profissionalmente e expressarem sua opinião.

Valdir Luiz, jornalista da Rádio Nacional e da TV Bandeirantes, botafoguense declarado, não acredita na má fé de jornalistas que possam estar auferindo ganhos pessoais com isto, mas sendo a imprensa uma empresa com fins de lucro, atende à maior demanda, admite que ele próprio percebe essa tendência de o Flamengo ganhar mais espaço na mídia. No ranking das torcidas realizado pelo Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e

Estatística – em parceria com o jornal Lance!, o Botafogo ocupa o 12º lugar, com uma participação de 1,7% dos torcedores, o que equivale a aproximadamente 3,4 milhões de membros, aproximadamente dez por cento do total de torcedores do primeiro colocado, Flamengo do Rio de Janeiro, com 32,5 milhões.⁴ Podemos então considerar um universo muito pequeno, se comparado aos primeiros colocados do ranking.

O único momento em que os quatro grandes deixam as identidades clubistas de lado é na época do Copa do Mundo, onde o nacionalismo ou a identidade nacional reúne todos em torno de um só objetivo, torcer pela seleção nacional, sem pensar em que clube cada atleta joga, estão todos a serviço da nação e esta é a identidade prévia, anterior.

Isto é fundamental para iniciar o entendimento da idolatria ao Loco Abreu. Como determinados acontecimentos foram determinantes na construção desta idolatria e na afirmação do sentido de pertencimento que ele inculcou na torcida, ao ponto desta lhe render uma homenagem que perpasse um dos maiores emblemas da maior tragédia do futebol brasileiro, vestirem a camisa “celestes olímpica” com o escudo do Botafogo, uma união simbólica que se despe de várias identidades e rivalidades históricas.

A chegada do ídolo

Na introdução do artigo, “Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol”, Ronaldo Helal escreve: “um fenômeno de massa não se sustenta sem a presença de “estrelas”. São elas que atraem as pessoas aos eventos e transformam-se em um referencial para os fãs”, explicando que devido às características do futebol, onde o “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente, abre a possibilidade de que este, além de ser ídolo, possa tornar-se herói. (HELAL, 1997)

Em 2 de janeiro de 2010, no seu caderno de esportes, *O Globo* publica uma entrevista com o presidente do Botafogo à época, Mauricio Assumpção, onde o mesmo promete uma contratação de impacto: “É um nome de um jogador que vai mexer com o torcedor e virá de

fora. A torcida vive de ídolos e o Botafogo têm que criar e manter ídolos para a torcida crescer. Só com ídolos e trabalho na base revelando jogadores é que o panorama vai mudar”

No dia 4 de janeiro, no mesmo jornal, sai a notícia da contratação de Abreu por dois anos, e esclarece que ele já defendeu a seleção uruguaia em 50 jogos marcando 27 gols. O último contra a Costa Rica, no Estádio Centenário, que garantiu a vitória do Uruguai por 1 a 0 e a vaga do país na Copa do Mundo de 2010, na África do Sul. Pelo gol que marcou “El Loco” ganhou de vez o status de ídolo da torcida uruguaia.

Podemos subentender que nas palavras do dia 2 de janeiro do presidente do Botafogo está implícita a promessa de que foi contratado um ídolo do futebol uruguaio, futebol este conhecido pela garra e determinação, e um herói que consegue classificar o seu país para uma Copa do Mundo depois de ficar de fora em duas copas consecutivas. O corpo da matéria ressalta algumas características do jogador

Jogador com boa presença de área, e do tipo que acredita em todas as bolas que disputa. Abreu é conhecido pela sinceridade nas suas opiniões, estando longe de ser um jogador politicamente correto. Supersticioso, o jogador usa o número 13 nas camisas do time em que atua, além da seleção uruguaia. Ele lembra Zagallo que durante anos brilhou no Botafogo e sempre fez apologia do número 13. Zagallo deverá ser convidado por Mauricio Assumpção para entregar a camisa ao jogador. (*O Globo*, 4/1/2010, p. 24.)

Observamos que, além das características técnicas do jogador, o jornal também revela traços da sua personalidade: “politicamente incorreto”, mas não faz menção a condição intelectual do mesmo, por outra perspectiva, tenta traçar um paralelo com um antigo ídolo. Esta última ação, de convidar Zagallo para fazer entrega da camisa 13 ao Loco Abreu, perpassa a superstição de ambos com o número.

Sebastian Abreu foi recepcionado por um grupo de 50 torcedores no aeroporto Tom Jobim, que entregaram a ele a camisa com seu nome e o número 13 estampados; na sua chegada no aeroporto prometeu: “...recepção linda, estou muito feliz em vir jogar no Botafogo. Vou dar o máximo para retornar este carinho. Estou ansioso por assinar o contrato e conhecer meus novos companheiros” (*O Globo*, 5/01/2010, p.30).

Após um dia de sua chegada ao clube, as cinquenta camisas oficiais disponibilizadas para venda, já tinham sido vendidas nas primeiras quatro horas.

O seu prestígio frente à torcida se legitimou ao receber a camisa oficial com o número 13 das mãos de Mario Jorge Lobo Zagallo que desejou boa sorte ao atacante e declarou ao site Globo.com: “Se ele tiver a mesma felicidade que eu tive quando comecei a usar a camisa 13....A sorte dele já veio do Uruguai, e espero que no Botafogo ele tenha o mesmo sucesso”⁵.

Um detalhe significativo nesta declaração: Zagallo nunca vestiu a camisa 13 em nenhum clube.

No dia 7 de janeiro, uma matéria do jornal *O Globo* dava detalhes sobre uma outra camisa que o jogador sistematicamente costuma vestir por baixo da oficial em todos os clubes:

Por baixo dela, Sebastian Abreu vai usar uma outra, que ele sempre leva aos clubes em que atua e representa suas melhores recordações. A camisa é azul, dividida em seis partes, com os detalhes que mais marcaram a sua vida: a seleção de Lavallega, onde começou; a seleção uruguaia; uma foto dos filhos Valentina e Diego; o escudo do Nacional, seu time de coração; e a bandeira uruguaia. Nada que o impeça de iniciar uma nova paixão com os loucos alvinegros... Depois desta recepção... “

Quase um vaticínio, já que esta camisa se tornaria famosa e o escudo do Botafogo passaria a fazer parte dela, dividindo espaço com os maiores afetos e recordações do atleta.

Botafogo, antecedentes

Nas décadas de 1950 e 1960, o Botafogo viveu um dos seus períodos mais áureos, tendo contado com a participação de craques como Garrincha, Nilton Santos (melhores de todos os tempos em suas posições de acordo com a FIFA), Didi, Zagallo, Amarildo, Quarentinha, Manga, entre outros. Nas Copas do tricampeonato mundial (58, 62, 70) a base da seleção Brasileira era composta com jogadores do Santos Futebol Clube e do Botafogo de Futebol e Regatas.

Na Copa de 1958 na Suécia o Botafogo cedeu três jogadores: Nilton Santos, Garrincha e Didi; na Copa de 1962 no Chile: cinco jogadores: Nilton Santos, Garrincha, Didi,

Amarildo e Zagallo; em 1970 no México: três jogadores: Jairzinho, Paulo César ‘Caju’ e Roberto Miranda. No total, desde a década de 1930, o Botafogo cedeu 46 jogadores ao selecionado nacional, sendo que nas últimas Copas do Mundo só tem sido convocado um jogador (o goleiro Jefferson) sendo que em 1994, 2002 e 2006 nenhum jogador botafoguense atuou pela seleção. O outrora Glorioso das décadas de 1950 e 1960 ficou na história; a realidade das últimas quatro décadas é bem outra.

Entre 1969 e 1988, o Botafogo não conquistou nenhum título oficial, sua última conquista fora a Taça Brasil de 1968, após o que, somente alcançou no máximo o quarto lugar nas competições de que participou. Em 1989 e 1990 conseguiu vencer o campeonato estadual após 21 anos de ostracismo, contra seu arquirrival Flamengo.

Contexto da sua chegada

El Loco chegou no clube no início de 2010, em meio a um processo de profunda reformulação, mais de 15 jogadores tinham deixado o clube. Contratações como o argentino Herrera, Renato Cajá e Marcelo Cordeiro, além de alguns jovens da base promovidos a profissionais viriam compor o elenco para 2010, para tentar reverter o atual quadro. O Botafogo vinha de uma sequência de três derrotas consecutivas para o maior rival Flamengo, nas decisões dos Campeonato Estadual de 2007, 2008 e 2009. (em 2009 escapou do rebaixamento na última rodada ao vencer o Palmeiras por 2 a 1). Com estas três vitórias, o Flamengo se sagra tricampeão pela quinta vez na sua história. Neste contexto chega o Loco Abreu ao clube Botafogo de Futebol e Regatas, vindo de Montevideu, onde acabara de classificar o Uruguai para a Copa do Mundo de 2010, onde fez o gol da vitória sobre a Costa Rica e se transformado em herói para todos os uruguaios.

O personagem Loco Abreu e sua relação com a mídia

O personagem “El Loco” Abreu, apesar de extremamente carismático, não têm um perfil genuíno dos ídolos-heróis brasileiros - quiçá por pertencer a uma outra “escola” que conta com representações sociais e identidades culturais diferentes. Também não podemos incluí-lo nas categorias de “atleta” e muito menos na de “craque”, já que não é dono de uma técnica refinada nem driblador. Para além das aptidões físicas e técnicas sua biografia difere ou escapa um pouco das características mais comuns encontradas nas biografias dos ídolos brasileiros: “No Brasil, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos enfatizam sobremaneira a genialidade e o improvisado como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso.” (HELAL, 2003, p 20)

Não é proveniente de uma família pobre, portanto sua infância pobre não existe e também não teve que atravessar grandes dificuldades ou perdas pessoais, geralmente, as biografias dos ídolos chamam a atenção para a infância pobre e o talento como característica inata. (HELAL, 2006)

Ao contrário de muitos ídolos-heróis, ele tem uma cultura formal acima da média, além de ser dono de uma personalidade forte tem um temperamento ameno e uma conduta profissional extra campo ilibada, possui formação universitária em Comunicação Social na área de Jornalismo, o que lhe confere legitimidade e certa autoridade à sua postura crítica em relação à mídia carioca e aos jornalistas esportivos.

Ele chegou a chamar o jornalismo esportivo carioca de “jornalismo de confusão” no programa Redação SportTV, no dia 9 de abril de 2012. Este episódio rendeu alguns artigos na internet e vários blogueiros se solidarizaram e festejaram as respostas do Loco Abreu ⁶.

Este episódio é somente um entre vários protagonizados pelo jogador. Em mais de uma oportunidade corrigiu ou chamou a atenção de vários repórteres ao vivo durante

entrevistas, o que lhe valeu o estereótipo de irônico e polêmico entre alguns integrantes da imprensa e o aplauso dos torcedores alvinegros.

Durante o programa passaram o vídeo da entrevista de fim de jogo de um jogador do Cruzeiro de Minas Gerais, que tinha perdido um gol relativamente fácil (após ter convertido 2 no jogo) e dado uma resposta ousada; André Rizek, resolve então perguntar para El Loco, sua opinião sobre as declarações do jogador cruzeirense, que prontamente respondeu:

“Eu acho o seguinte: O garoto fez dois gols na partida e o repórter vai lá pra falar justamente do gol que ele perdeu [...] Mas é isso que acontece aqui no Brasil eu já aprendi que aqui não se faz um jornalismo sério, mas um jornalismo de confusão. Ficam explorando a negatividade pra ver se vai render [...] Por exemplo, tem três jornalistas do Globo Esporte que eu não falo mais; eles vão ao treino do Botafogo e eu não falo mais com eles, pois já sei no que vai dar.”

O programa segue e mais à frente Rizek ainda tenta salvar a coisa perguntado: Pois é você que gosta de discutir tática sente falta disso por aqui, acha que se discute pouco sobre tática no futebol brasileiro? a resposta do Loco foi:

Mas aí é aquilo que eu te falava, o jogo acaba o repórter vem perguntar o que eu achei, eu falo que o time jogou num 4 -3-2-1 mais avançado e tal [...] aí o cara vai lá e escreve depois que eu tô querendo questionar o treinador [...] Aí agora, sabe o que eu faço? Não falo mais nada.

A construção do Herói

Podemos escolher três momentos fundamentais que determinaram seu status de ídolo e herói dos torcedores, aliados à constante postura perante a imprensa, sempre tentando evidenciar o fraco preparo e pífio desempenho dos “colegas” repórteres de campo. Ao site UOL Esporte⁷ ele declarou: “O dia a dia do jornalismo brasileiro é bem jornalismo mesmo, mas não esportivo. O interesse é muito mais nos problemas extracampo do que na tática do jogo”, mas, também vê bons profissionais na área e não hesita em escolher seus preferidos “Os que gosto e acho bons são Galvão Bueno, André Rizek, Lédio Carmona, Fernando Fernandes, Décio Lopes, Marcelo Barreto e Juca Kfourri. Gosto destes porque falam de futebol quase sempre. Você sempre aprende com os que falam de esporte e trazem matérias e

informações com conteúdo e que melhoram o nível”. Ao elogiar Renato Maurício Prado e considerá-lo um dos melhores, o uruguaio aproveitou para brincar com o fato de o jornalista ser flamenguista. “Ele não é do meu time, mas...”, divertiu-se. Esta postura é vista pela maioria dos torcedores como uma revanche e se sentem “vingados” perante a parcialidade que eles afirmam sofrer da imprensa carioca.

Após eliminar o Flamengo das finais da Taça Guanabara e decidir o título com o Vasco da Gama, o Botafogo se sagra Campeão do Primeiro turno do Estadual Carioca, no segundo turno derrotou novamente o Flamengo na final da Taça Rio. Ao ganhar os dois turnos (Taça Guanabara e Taça Rio) se sagra automaticamente campeão Estadual. Neste último jogo, um fato determinante, El Loco bate um pênalti tipo cavadinha e vence Bruno, considerado à época o melhor goleiro do Brasil. Se tivesse batido forte num canto à meia altura, o gol também valeria o título, mas o fato de ter sido “debochado ou irreverente” na execução da penalidade deixou a torcida com gostinho de ter se vingado e com excesso das últimas três humilhações de 2007, 2008 e 2009.

Os torcedores do Botafogo saíram do Maracanã com a alma lavada e El Loco como o ídolo e herói desta façanha, muitos poucos lembram que Jefferson defendeu um pênalti de Adriano, selando assim o fim da partida e o título foi para General Severiano.

Neste episódio a atitude de Loco Abreu ao bater um pênalti de forma irreverente (para a imprensa) num jogo decisivo o aproxima da malandragem do jogador brasileiro, do estilo Malasartes⁸, na definição do antropólogo Roberto DaMatta⁹ e dá um sinal claro de sua personalidade forte, “É uma forma de bater, mas sem faltar com respeito”, disse El Loco ao jornal *O Globo* de 19 de abril de 2010. Nesse dia ele tomou para sempre o lugar que até então era do Tulio Maravilha. Por isso, a partida final se encarrega de proporcionar o desfecho desta narrativa. Talvez tenha sido esta a razão que Mário Filho (1964:339) fez, de forma exemplar, uma analogia entre uma final de campeonato e um romance policial, ressaltando as

semelhanças e diferenças entre ambos: “Há um público, e grande, de decisão. O campeonato, no fim das contas, se resume na decisão. É um romance quase policial. A diferença é que na última página não se descobre o criminoso e sim o herói”. (HELAL, 1998)

Após a conquista do Estadual, El Loco voltaria a fazer outro gol de pênalti, no mesmo estilo com a mesma “irreverência”, só que desta vez numa Copa do Mundo, contra Gana nas quartas de final da Copa da África do Sul, copa aliás na que o Uruguai contou com um reforço estrangeiro extra campo, a torcida Botafoguense; muitos dos torcedores que entrevistei declararam ter acompanhado e torcido pelo Uruguai em homenagem a El Loco.

Um deles chegou a afirmar que no momento do pênalti chegaram a vibrar como se fosse gol do Botafogo e a lembrança do título de 2010 aflorou, proporcionando momentos de êxtase para todos os que acompanhavam o jogo num bar. Na entrevista exclusiva que realizei com o Maestro Tabárez, técnico da seleção uruguaia, no Centro de Treinamento Uruguay Celeste, em julho de 2015, quando perguntei sobre seu coração na hora da batida, ele simplesmente respondeu “Eu já imaginava, porque você acha que ele tem esse apelido?”, dando a entender que mesmo imaginando, correu o risco pela confiança que detém no atacante.

A retribuição de Abreu não iria demorar, em 2011 Uruguai ganha a Copa América ao vencer o Paraguai por 3 a 0, no Estádio Monumental de Nuñez em Buenos Aires. Durante os festejos Abreu apareceu enrolado numa bandeira alvinegra. Esta atitude ganhou imediatamente destaque nas redes sociais e caiu nas graças da torcida alvinegra. Após as comemorações, El Loco deu a seguinte entrevista ao site globo.com: “Lembrei da torcida sim, que não só na Copa América, mas também no Mundial no ano passado ficaram torcendo para gente. Então o mínimo que posso fazer é num gesto de agradecimento a eles levar uma bandeira do Botafogo para o gramado e comemorar”.¹⁰

O último gesto de El Loco, foi a maior homenagem (e uma das mais significativas e exclusivas) que ele realizou para com a torcida do Botafogo, incluir na camisa dos afetos, que usa por baixo da camisa oficial, o escudo do Botafogo. Isto por si só seria algo apreciado pela torcida, o fato é que ele revelou essa novidade na camisa ao mundo em rede de televisão, quando já não atuava pelo Botafogo, para responder as provocações da torcida do Flamengo,

O fato ocorreu no jogo Figueirense – Flamengo no Estádio Orlando Scapelli. Ao final do jogo o site do globo.com em 9 de agosto de 2012¹¹ publicou:

Loco Abreu, mesmo com a derrota do Figueirense para o Flamengo, não deixou de provocar a torcida rubro-negra. No final da partida, o uruguaio fez questão de lembrar os tempos em que defendia o Botafogo. Com o placar em 2 a 0 para o Fla, Loco foi provocado pela torcida flamenguista e revidou. O camisa 13 foi até o setor da torcida visitante do estádio do Orlando Scapelli, exibiu e beijou o escudo do Botafogo. Além disso, lembrou da final da Taça Rio 2010, em que o Bota bateu o Fla com gol de pênalti do uruguaio. E fez menção de que vai voltar ao Botafogo.

As redes sociais mais uma vez tinham El Loco Abreu como destaque, até no site oficial do Figueirense foi veiculado¹², e a torcida do Glorioso, o peito cheio de orgulho.

Considerações finais

El Loco Abreu não é simplesmente um jogador de futebol, um centroavante goleador, junto com ele vieram simbolicamente: sua última performance, colocar o Uruguai novamente em uma Copa do Mundo depois de estar ausente nas últimas edições, e toda a mística que o futebol uruguaio representa: “a garra charrua” sempre representada por Obdulio Varela.

Arno Vogel, escreve no capítulo “O momento feliz – Reflexões sobre futebol e o ethos nacional” sobre o futebol uruguaio e o Maracanazo: “Venceram os uruguaios, porque tiveram fibra, jogaram com o coração e souberam honrar as suas tradições de campeões do mundo. Venceram porque têm "pinta" de campeões mundiais, não sofrem de complexo de inferioridade, não se atemorizam com torcidas, mesmo quando sejam essas compostas de 200.000 pessoas. (...) E jogam um jogo viril, um jogo de homens, porque futebol é um jogo másculo, onde as amabilidades cedem, na cancha, terreno para o jogo duro.” (VOGEL, 1982. p. 95)

Abreu traria consigo essa característica que todo torcedor brasileiro gosta e pede em coro nos jogos pelo Brasil afora: “garra”. Por outra perspectiva ele é um atleta de forte personalidade e experiente, jogou em 17 clubes de sete países diferentes. Exerce liderança positiva nos times por que passa. Na seleção uruguaia ele, já em final de carreira, não é titular absoluto na sua posição, mas segundo o Maestro Tabárez, é de fundamental importância no vestiário e na motivação dos companheiros.

O Botafogo por outro lado, vive uma crise, se por um lado os torcedores não abandonam um time porque não ganha títulos, a falta destes não produz uma nova geração de simpatizantes ou futuros torcedores, pondo em risco a continuidade e tradição do clube. O clube, acostumado com outras épocas gloriosas, em que seus ídolos formaram a base da seleção nacional em três Copas do Mundo sente falta dessa representação.

O último grande ídolo do Botafogo foi Tulio Maravilha - também em final de carreira - na década de 1990, de lá até 2010 não surgiu nenhum jogador com capacidade de se tornar um. A espetacularização ou midiaticização do esporte opera uma nova relação entre jogador e clube, a motivação dos atletas em construção ou consolidação de uma carreira passa pela busca da própria sobrevivência, os títulos ganhos são somente um acréscimo ao seu valor de mercado, e não gera vínculos de afeto com os clubes. É uma relação de trabalho pura dentro de uma lógica capitalista na indústria do entretenimento.

No caso específico de nosso objeto de estudo, encontramos um clube sem ídolos, títulos ou representação a nível nacional, o único atleta cedido à seleção nacional não é titular. Por outro lado um atleta, realizado e bem sucedido economicamente, do porte do Loco Abreu que, além de gols e liderança, empresta sua personalidade e experiência para colocar o clube em situação de evidência, tanto na tabela da competição como na mídia, e nem sempre por causa de vitórias, como vimos no desenvolvimento do trabalho, até nas derrotas ele se torna protagonista.

Em 2010, El Loco entrega ao clube o título prometido com um gol antológico em cima do seu maior rival, coloca o Botafogo em evidência na mídia e na sua galeria de afetos, depois provoca o Flamengo mostrando com orgulho esta galeria que agora tem o escudo do Botafogo. O muro é uma singela homenagem que eternizará o atleta que soube galgar esse lugar pelo conjunto da obra realizada, a camisa celeste da torcida e a bandeira uruguaia são o maior emblema desta idolatria materializando o reconhecimento à identificação plena e certificando que ele foi um herói. Se ele já era bem sucedido economicamente pode encerrar sua carreira tendo obtido o maior prêmio que um atleta profissional pode esperar: o reconhecimento de uma torcida, que nove anos depois continua idolatrando-o ao ponto de vestir em sua homenagem um símbolo que outrora fora sinônimo de tragédia, a Celeste Olímpica.

Referencias Bibliográficas

ALABARCES, P., Fútbol y Patria: el futbol y (la invención de) las narrativas nacionales en la Argentina del siglo XX, Papeles del CEIC, vol. 2006/1. Papel N° 25.

ANTEZAN, L., Futbol: espectáculo e identidade, In: ALABARCES, P. **Futbologías**. Fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**, Zahar, 1979

DAMATTA, Roberto (org). **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

HELAL, Ronaldo. Comunicação, Futebol e Cidade, **Revista Logos** v. 5, p. 5-7, 1997

HELAL, Ronaldo. Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, UGF, 1998.

HELAL, Ronaldo. Mídia e esporte: a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **INTERCOM**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Belo Horizonte/ MG, p. 01-18, set., 2003.

LEVER, Janet. **A Loucura do Futebol**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1983

VOGEL, Arno. O Momento Feliz, Reflexões sobre o Futebol e o ethos nacional. In: **O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Org: Roberto Da Matta. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

¹ <http://www.marca.com/2015/11/21/futbol/madrid-barcelona/1448135777.html>

² <http://www.marca.com/2015/11/21/futbol/madrid-barcelona/1448135777.html>

³ <http://www.marca.com/2015/11/21/futbol/madrid-barcelona/1448135777.html>

⁴ <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/08/pesquisa-fla-tem-maior-torcida-mas-corinthians-encurta-distancia.html>

⁵ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/loco-abreu-recebe-de-zagallo-camisa-13-do-botafogo-3073146>>. Acesso em 26 jan. 2017.

⁶ <http://saraiva13.blogspot.com.br/2012/04/loco-abreu-e-o-jornalismo-de-confusao.html>

<http://blogdopcguma.blogspot.com.br/2012/04/loco-abreu-e-o-jornalismo-de-confusao.html>

<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/loco-abreu-e-o-jornalismo-de-confusao>

http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/_ed690_verdades_inconvenientes/

⁷ <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/02/02/jornalista-loco-abreu-elege-preferidos-e-descarta-fama-sou-reconhecido-e-diferente.htm>

⁸ Segundo Câmara Cascudo "Pedro Malasartes é uma figura tradicional nos contos populares da Península Ibérica, como exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos.

⁹ Para uma análise do estilo ou modelo Malasartes ler DaMatta (1979)

¹⁰ <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-america/noticia/2011/07/loco-brinca-sobre-nova-cavadinha-no-vestiario-campeao-pode-tudo.html> (acessado em 12 /12/2015)

¹¹ <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/figueirense/noticia/2012/08/no-figueira-loco-provoca-torcida-do-flamengo-e-beija-escudo-do-botafogo.html> (acessado em 12/12/2015)

¹² <http://www.meufigueira.com.br/2012/08/figueira-na-midia-torcida-do-flamengo-provoca-e-loco-abreu-beija-escudo-do-botafogo/> - (acessado em 12 /12/2015)